



A grávida Jana, de 18 anos: "Acho que o problema continua porque a gente se conforma"

Estresse e exaustão na fila

As longas filas para atendimento não são os únicos inconvenientes por que passam as grávidas que dependem da rede pública para fazer o pré-natal. Na hora de cumprir a rotina de exames exigidos para acompanhar o desenvolvimento do bebê e a própria saúde, essas mulheres têm de ter paciência.

Elas também enfrentam filas para marcar os exames e chegam a esperar meses para ter acesso ao resultado. Isso quando o exame em questão é oferecido pela rede pública. Em Samambaia, por exemplo, só é possível fazer ecografias em clínicas particulares, pois a rede pública não oferece esse tipo de exame. "Quando falei para o médico que não tinha condições de pagar, ele me disse que quem está grávida do quarto filho pode pagar, sim", conta Leina Marques dos Santos, 26 anos. "Eu fiz, mas, se ele pedir de novo, não vou fazer; não tenho mais dinheiro."

Pior do que ter de pagar pelo exame é a angústia de esperar pelo laudo. Leina fez um exame de sangue, que deveria ficar pronto em no máximo 30 dias, em 16 de novembro. Até a última quinta-feira, ainda aguardava o resultado. "A demora é tão grande que, se eu tiver qualquer problema, não adianta mais saber, pois não haverá tempo de prevenir. Já estou no oitavo mês", diz a jovem. Detalhe: a gestação de Leina é de risco, pois ela teve sangramentos na última gravidez. "Uma vez comecei a sangrar na fila para a consulta e, mesmo assim, me fizeram esperar. Acho que quem tem gravidez de risco deveria ter preferência", sugere.

AGENDA - Os transtornos não param por aí. A cada consulta, o médico deve marcar a data da próxima. "O problema é que, no início do ano, ele não marcou a consulta deste mês porque ainda não

tinha a agenda de 2006", conta. Resultado: Leina teve de esperar em uma fila ainda maior para conseguir um encarte. "No final das contas, o pré-natal na rede pública só serve para deixar a gente mais estressada", reclama.

Histórias como a de Leina são freqüentes. "Não duvido que essa espera de três meses por um exame de sangue exista. O pior é que demoras desse tipo podem fazer com que problemas passíveis de prevenção aconteçam durante a gestação", preocupa-se Avelar de Holanda, responsável pelo Núcleo de Atenção Integral à Saúde da Mulher.

Holanda destaca que, nos hospitais regionais do DF, o atendimento de emergência é aparentemente rápido. "Na maior parte das vezes, elas entram assim que chegam na recepção. O problema é depois. Ficam horas esperando por procedimentos que podem ser executados em poucos minutos", explica.